

ENTRE IDENTIDADE E CAPITAL

Arquitetura neo-andina e a formação do sujeito indígena urbano em El Alto

Denilson Choquecallata Colque

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo -
FAU-USP | dccolque@usp.br

EIXO TEMÁTICO: Projeto, Tradição e Contemporaneidade

Resumo: A chamada arquitetura neo-andina, difundida sobretudo na cidade de El Alto, se tornou nas últimas décadas um dos fenômenos arquitetônicos mais debatidos do contexto boliviano. Principalmente após as edificações de Freddy Mamani ganharem destaque e este se tornar a figura central na difusão dessa linguagem construtiva. Sua estética é frequentemente descrita como exuberante e ornamental, marcada por cores intensas, geometrias contrastantes e forte apelo iconográfico, dialogando tanto com o artesanato andino quanto com os repertórios pós-modernistas. Mais do que uma manifestação isolada na história da arquitetura boliviana, trata-se de uma produção ligada às transformações sociais, políticas e econômicas da cidade, impulsionadas, principalmente, pela migração indígena *aymara*, pela economia informal e pela emergência de novos grupos economicamente ascendentes.

Portanto, o artigo propõe uma análise crítica da arquitetura neo-andina a partir de sua inserção na cidade de El Alto, articulando essas edificações com o processo contínuo da formação do sujeito indígena na cidade boliviana, trazendo ao debate sua real função emancipatória dentro da construção política e identitária. Desse modo, o neo-andino é interpretado como campo de disputa política e estética, no qual se tensionam emancipação, representação e poder na paisagem urbana contemporânea.

Palavras-chave: arquitetura neo-andina; el alto; aymara; estética identitária; ch'ixi.

NEO-ANDINE ARCHITECTURE AND THE URBAN INDIGENOUS SUBJECT

Abstract: The so-called neo-andean architecture, widespread mainly in the city of El Alto, has become one of the most debated architectural phenomena in Bolivia in recent decades. This is especially true after Freddy Mamani's buildings gained prominence and he became the central figure in the dissemination of this constructive language. Its aesthetics are often described as exuberant and ornamental, marked by intense colors, contrasting geometries, and strong iconographic appeal, dialoguing with both Andean crafts and postmodernist repertoires. More than an isolated manifestation in the history of Bolivian architecture, it is a production linked to the social, political, and economic transformations of the city, driven mainly by *aymara* indigenous migration, the informal economy, and the emergence of new economically ascendant groups.

Thus, the article proposes a critical analysis of neo-Andean architecture based on its insertion in the city of El Alto, articulating these buildings with the continuous process of the formation of the indigenous subject in the bolivian city, bringing to the debate its real emancipatory function within political and identity construction. In this way, neo-andean is interpreted as a field of political and aesthetic dispute, in which emancipation, representation, and power are in tension in the contemporary urban landscape.

Keywords: neo-andean architecture; el alto; aymara; identity aesthetics; ch'ixi.

ARQUITECTURA NEOANDINA Y EL SUJETO INDÍGENA URBANO

Resumen: La llamada arquitectura neo-andina, muy extendida sobre todo en la ciudad de El Alto, se ha convertido en las últimas décadas en uno de los fenómenos arquitectónicos más debatidos del contexto boliviano. Especialmente después de que las construcciones de Freddy Mamani ganaran protagonismo y él se convirtiera en la figura central de la difusión de este lenguaje constructivo. Su estética se describe a menudo como exuberante y ornamental, marcada por colores intensos, geometrías contrastantes y un fuerte atractivo iconográfico, en diálogo tanto con la artesanía andina como con los repertorios posmodernistas. Más que una manifestación aislada en la historia de la arquitectura boliviana, se trata de una producción vinculada a las transformaciones sociales, políticas y económicas de la ciudad, impulsadas principalmente por la migración indígena *aymara*, la economía informal y la aparición de nuevos grupos económicamente ascendentes.

Así, el artículo propone un análisis crítico de la arquitectura neoandina a partir de su inserción en la ciudad de El Alto, articulando estas construcciones con el proceso continuo de formación del sujeto indígena en la ciudad boliviana, trayendo al debate su real función emancipadora dentro de la construcción política y de identidad. De este modo, lo neoandino se interpreta como un campo de disputa política y estética, en el que se tensan la emancipación, la representación y el poder en el paisaje urbano contemporáneo.

Palabras clave: arquitectura neoandina; el alto; aymara; estética identitaria; ch'ixi.

1. INTRODUÇÃO

Em El Alto, a arquitetura neo-andina tornou-se visível, midiática, quase inevitável. É frequentemente descrita por suas cores contrastantes, sua exuberância ornamental e seu excesso formal. Entretanto, algo parece escapar quando a discussão se limita apenas à estética.

O contexto urbano não é apenas pano de fundo, mas condição ativa da produção arquitetônica. O sujeito indígena torna-se protagonista tanto da cidade quanto de seus edifícios. Nesse sentido, ainda que existam disputas terminológicas para o termo neo-andino, neste trabalho sua aplicação é apenas uma ferramenta analítica provisória. Não porque ele seja neutro, mas porque a partir dele é possível delimitar um fenômeno urbano e arquitetônico concreto.

Os edifícios neo-andinos não constituem um fato isolado na historiografia boliviana. São sinais de deslocamento social, condensando vários conceitos, entre eles, a ascensão econômica, o orgulho identitário, mas também a contradição. Assume-se como hipótese central que o neo-andino opera em um terreno instável, afirmando identidade junto à lógica do capital.

Para enfrentar essa ambivalência, articulam-se a análise histórico-social, leitura morfológica e crítica simbólica. O diálogo entre os autores, David Harvey, José Carlos Mariátegui, Silvia Rivera Cusicanqui e Robert Venturi, será essencial não como autoridades que encerram o debate, mas como interlocutores capazes de tensionar essa ambivalência da arquitetura neo-andina.

3

2. EL ALTO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA URBANO

A cidade de El Alto, ainda nos anos 1950, era apenas um bairro da capital boliviana, La Paz. Era constituída principalmente por moradores campesinos indígenas *aymaras* que migraram devido à expulsão destes de suas terras no meio rural. Já a partir dos anos 1980, com as reformas neoliberais, diversas minas estatais de estanho foram fechadas e privatizadas. Como consequência, cresce a migração dos mineiros desempregados para os diversos centros urbanos da Bolívia, entre eles El Alto (Harvey, 2014, p. 257). Com o crescimento vertiginoso da cidade, os novos habitantes se viram obrigados a se realocarem nas atividades econômicas do espaço urbano, com a maioria passando a atuar no trabalho informal e precarizado (Díaz, 2015).

No ano de 1985, El Alto se emancipa de La Paz e traz consigo uma nova forma de produção urbana. O sujeito indígena *aymara* torna-se protagonista dessa produção. Segundo o geógrafo David Harvey, o progressivo distanciamento do aparato estatal da administração da cidade, combinado à expansão dos serviços neoliberais, gerou forte auto-organização popular dos habitantes. Nesse processo, constituíram-se diversos coletivos que estavam habituados à militância política. Isso se deve ao fato de que

muitos mineiros migrantes participaram da Revolução de 1952, que tinha conduzido à nacionalização das antigas minas que trabalhavam (Harvey, 2014, p. 258).

Combinadas com as tradições indígenas de tomada de decisões em assembleias locais e populares dos camponeses, essas experiências produziram um sincretismo de tradições políticas. Essa convergência constituiu a solidariedade popular indígena, permitindo que, por meio da cultura e da memória coletiva, as diferenças dessem lugar à atuação de uma nova classe de sujeitos indígenas políticos (Harvey, 2014, p. 264). Essa nova configuração política manifesta-se tanto nas mobilizações sociais quanto na forma como a cidade passa a ser construída e simbolicamente representada.

Então, para o sujeito indígena, anteriormente despossuído de sua terra ou de seu emprego, essa condição não lhe retira a identidade, ao contrário, acrescenta-lhe uma nova perspectiva de classe no espaço urbano. Para o escritor peruano José Carlos Mariátegui, o indígena peruano ainda no campo agrícola antes de migrar, vivia um estado “clamoroso de atraso e ignorância”. Essa condição resultava do processo de colonização que se prolongou mesmo após a independência. Portanto, nos campos agrícolas, o indígena não está ligado ao sistema de produção capitalista — o que ainda prevalece é a exploração feudal, o indígena não como proletário, mas como servo dos latifundiários (Mariátegui, 2006, p. 24).

O autor peruano observa que é a partir da inserção urbana que o camponês indígena entra em contato com o operariado urbano. Como resultado, surge a nova classe política, na medida em que esse potencial se encontra ancorado na própria história dos sujeitos (Mariátegui, 2006, p. 31). No caso boliviano, o autor encontra uma particularidade, ao afirmar que a atuação dos mineiros, já inseridos no sistema de produção econômica, em grande número, constituiu um forte proletariado, que desenvolveu consciência de classe e ação política (Mariátegui, 2006, p. 66).

Essa consciência política e organizativa não se manifesta apenas nas formas de mobilização social. Ela também aparece na produção material do espaço urbano, especialmente nas práticas de autoconstrução habitacional, baseadas na rica bagagem cultural que os povos tradicionais carregavam consigo. A predominante massa indígena da cidade não apenas administra politicamente, mas também a constrói. Nas primeiras gerações, a partir dos anos 1950 — quando a cidade ainda não era emancipada — surgem as primeiras casas construídas em adobe (Hilari, 2022, p. 33). Essas construções preservavam dois elementos essenciais da cultura *aymara*: o pátio, local de reunião familiar e de práticas de culto doméstico aos ancestrais, e a cozinha, geralmente localizada fora da casa (Taboada; Py, 2025).

Já a partir dos anos 1980, o programa de habitação popular contou com incentivos do governo federal à autoconstrução de moradias, o que favoreceu a experimentação e o intenso crescimento urbano da cidade. Foi assim que os novos habitantes de origem rural se adaptaram, construindo suas próprias casas e seguindo a geometria do traçado

urbano. Embora integre a cultura de muitas comunidades rurais indígenas, nas áreas urbanas as edificações feitas de adobe — apesar de revelarem grande saber técnico de seus construtores — também eram consequência de uma vida marcada pela escassez de recursos, visto que o adobe é um material de baixo custo e a construção em alvenaria era inviável à maioria das pessoas (Díaz, 2015; Taboada; Py, 2025).

Todo esse crescimento do tecido urbano de El Alto ocorria de maneira informal, espontânea e à margem de qualquer forma de planejamento e desenho urbano (Díaz, 2015). Essa autonomia no modo de produzir a cidade constituiu o substrato técnico e simbólico que possibilitará o surgimento de uma linguagem arquitetônica própria.

Portanto, a singularidade de El Alto reside nas condições estruturais que moldaram sua formação urbana. Segundo o sociólogo boliviano René Pereira Morató, é a emancipação de El Alto que condiciona a população à necessidade do desenvolvimento de estratégias e modos próprios de viver na cidade:

Seu personagem central, o *altenho* - o animal urbano -, de acordo com Henri Lefebvre, citado por Manuel Delgado, é "polivalente, polissensorial, capaz de relações complexas e transparentes com o mundo (o contorno ou ele mesmo)". (Pereira Morató, 2008, n.p, tradução nossa).

Desde a sua emancipação, a informalidade é eixo estruturante da cidade boliviana; a inserção do sujeito na economia informal reflete-se na forma de produção urbana, gerando novas condições territoriais e sociais, como as feiras ambulantes nas grandes avenidas de El Alto. Esse aspecto é particularmente importante porque transparece na futura discussão do programa arquitetônico do neo-andino e também como ponto convergente de praticamente todos os sujeitos urbanos, dado que grande parte mantém alguma relação com as dinâmicas informais (Díaz, 2015).

Assim, a informalidade permite que a auto-organização gere sindicatos politicamente ativos e se manifeste na vida urbana. Para a cidade, trata-se de uma nova configuração da consciência de classe coletiva, residual da experiência política dos mineiros e camponeses das décadas anteriores — uma configuração que permanece como característica de rebeldia de El Alto (Harvey, 2014, p. 260 e 261).

Os novos sujeitos políticos serão os protagonistas das principais rebeliões ocorridas no começo dos anos 2000. Esses levantes vão consolidar El Alto como importante centro de lutas sociais, palco de diversas reivindicações da população boliviana, protagonizadas sobretudo pelos indígenas da etnia *aymara*. Os exemplos mais emblemáticos ocorreram em 2003¹.

¹ Em 2003, protestos contra o governo de Gonzalo Sánchez de Lozada — incluindo o imposto sobre salários e a exportação de gás via Chile — foram violentamente reprimidos, resultando em dezenas de mortes e culminando na renúncia do presidente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6WASvEmRqMY&rco=1>. Acesso em: 15 jan. 2026.

As rebeliões resultaram em dois episódios conhecidos como Fevereiro e Outubro Negros, devido à grande quantidade de vítimas assassinadas e feridas durante os conflitos, sobretudo da etnia *aymara*. Esses meses representaram o auge dos distúrbios sociais. A população majoritariamente indígena e proveniente de El Alto desceu à capital para enfrentar diretamente o exército boliviano nas ruas de La Paz (Escárgaza, 2012). Nesse contexto, o protagonismo indígena se intensifica: com a situação política no começo dos anos 2000, a unidade política dos habitantes de El Alto se enrijece e desponta uma das maiores insurreições da Bolívia, culminando com a renúncia do ex-presidente neoliberal Gonzalo Sánchez de Lozada e a futura eleição do primeiro mandatário indígena da história do país.

Logo, por se tratar de uma cidade protagonista de revoltas populares, David Harvey (2014, p. 265) caracteriza El Alto como uma “cidade rebelde”, também descrita como um “centro de rebeliões”. Para o autor, essa caracterização decorre da ausência de uma burguesia consolidada, como a existente em La Paz, e da presença marcante de indígenas. Ademais, é importante enfatizar a leitura da antropóloga Sian Lazar, que, citada por David Harvey (2014), estabelece que a cidadania em El Alto incorpora tanto as tradições das vivências rurais quanto as urbanas. Essa articulação traz uma nova forma híbrida de concepção de cidadania, que busca, a partir da insurreição, afirmar-se na ordem política estruturante do país.

Com a ascensão inédita de Evo Morales em 2005, primeiro presidente de origem *aymara*, cria-se uma forma de empoderamento simbólico das identidades indígenas. Nesse contexto, consolida-se a relação do espaço urbano de El Alto com a nova manifestação que viria a ser o neo-andino; as condições culturais dos migrantes e as tensões políticas foram condições fundamentais para o surgimento de uma estética característica da cidade (Hilari, 2022, p. 16).

É nesse contexto histórico, social e político que a arquitetura deixa de ser apenas abrigo funcional e passa a operar como linguagem de expressão espacial simbólica de poder e identidade do sujeito indígena da cidade de El Alto. Por conseguinte, Freddy Mamani, principal expoente da arquitetura neo-andina, ciente do papel social que pode desempenhar, destaca que os massacres ocorridos em 2003 foram eventos decisivos que o motivaram a desenvolver sua arquitetura. Sua produção pode ser interpretada como uma forma de discurso de insubordinação do indígena *aymara* à classe dominante:

Por que não posso contribuir com o que sei, com meu talento, por meio de uma arquitetura rotulada como rebelde e colorida, que identifica uma determinada sociedade? (Mamani, 2017, online, tradução nossa).

3. DO ADOBE AO EDIFÍCIO TOTAL: GÊNESE DO NEO-ANDINO

A arquitetura neo-andina é fruto do processo que se desenvolve ao longo das décadas, tendo como base as habitações surgidas ainda nos anos 1950, construídas em adobe. Também chamadas de “cholets”, Freddy Mamani popularizou esse termo para denominar sua construção, que resulta de um jogo de palavras entre a tipologia arquitetônica do chalé e a identidade do cholo – geralmente denominando o indígena que migrou às cidades. Assim, apesar dos debates existentes na historiografia boliviana sobre essas edificações, é a partir, principalmente, das obras de Freddy que se observa uma virada simbólica e social entre os indígenas *aymara*.

O arquiteto boliviano Guido Alejo Mamani (2021, p. 53) destrincha essa lógica a partir da transformação da morfologia dessa habitação criada ainda nos anos 1950. Alejo Mamani denomina esse processo de “utilitário popular”. Em um primeiro momento, mantêm-se as características originais criadas pelos primeiros migrantes – ou seja, um pátio na dianteira do terreno e os cômodos localizados aos fundos, construídos em adobe. Posteriormente, surge a primeira mudança: a implantação de locais comerciais e a instalação de um novo pavimento, além do térreo, criando uma fachada que simboliza a possível ascensão econômica das famílias. Nesse momento, passa-se a adotar o método construtivo da alvenaria.

Por fim, mais recentemente, ocorre a ascensão do “edifício total”, que possui de três a cinco pavimentos, contando com o térreo. É nesse momento que observamos não apenas o cerne programático que dará alicerce ao programa neo-andino, mas também uma forma de formalizar a nova identidade da arquitetura de El Alto (Alejo Mamani, 2021, p. 53). Surge, de maneira midiática, o termo “cholet”, que, embora se consolide como conceito até mesmo acadêmico, revela-se limitado para expressar a variedade e a dimensão do movimento arquitetônico mais amplo do “utilitário popular” (Alejo Mamani, 2021, p. 55).

Figura 1: Conformação do “utilitário popular”



Processo em sequência do “utilitário popular” na cidade de El Alto
Fonte: Llanque Velasco (2011) apud Alejo Mamani (2021, p. 53)

Neste ponto, é importante enfatizar que a construção dos “edifícios totais” dependia de uma possível ascensão econômica da família. Surge uma nova e pequena parcela da população que ascendeu economicamente em El Alto — isso ainda antes da eleição do presidente Evo Morales. Essa categoria social é frequentemente denominada “burguesia” *aymara*, um termo pertinente se adotada uma definição mais ampla da palavra, já que seus membros se situam claramente na classe média (Risacher, 2020, p. 20).

Entretanto, para a maioria dos sociólogos bolivianos é preferível definir essa nova classe social emergente, composta por empresários *aymaras*, como *qamiris*, uma palavra também *aymara* usada para descrever alguém com dinheiro, influência e capacidade de demonstrar seu status e riqueza. É possível dizer que esses *qamiris* sejam a forma final desses sujeitos que, agora economicamente ascendidos, buscam sobretudo demonstrar que conseguiram crescer (Risacher, 2020, p. 20).

Como a maioria dos *qamiris* ascendeu por meio do comércio informal, muitos já não mantiveram sua atuação política e perderam a militância nas antigas auto-organizações das quais participavam. Os *qamiris* não demonstram interesse político, desde que seus rendimentos não sejam afetados. Ou seja, a eleição de Evo Morales não representou uma guinada econômica a esses sujeitos, pois eles já existiam e estavam se consolidando na cidade de El Alto, mas trouxe uma nova forma de consolidação identitária — elemento necessário para a demonstração de status, posteriormente expressa também por meio da arquitetura neo-andina (Risacher, 2020, p. 26).

Pensando nisso, é útil a leitura da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2018) e sua ideia de mundo *ch'ixi*, que descreve uma convivência conflituosa de partes distintas que não se fundem nem desaparecem — como indígenas e europeus. Ao trazer essa reflexão para o contexto neo-andino, podemos entender a arquitetura como espaço onde o moderno e o ancestral se encontram, mas não se unem completamente.

Na interpretação da autora, Evo Morales não promoveu uma política emancipatória capaz de desencadear uma nova lógica anticolonial no sujeito indígena; ao contrário, reforça a imagem do *qamiri*. A autora afirma que o ex-presidente “faz mais do mesmo ao abrir as portas ao capitalismo depredador”. Consequentemente, parte dos sujeitos indígenas torna-se artífice da própria colonização, contribuindo para a prosperidade de elementos fetichistas e ornamentais de identificação com o mundo indígena, o que enfraquece a luta anticolonial de muitos grupos (Rivera Cusicanqui, 2018, p. 12).

Sob essa ótica, a arquitetura neo-andina pode ser interpretada como uma fratura do mundo *ch'ixi*. Ela ainda carrega potencial emancipatório, mas no momento manifesta-se sobretudo como afirmação identitária, que não reforça uma nova lógica anticolonial associada ao *qamiri*, apenas permite a coexistência paralela de múltiplas diferenças culturais que não se fundem, senão que se antagonizam e se complementam (Rivera Cusicanqui, 2010, p. 70).

São essas coexistências que estarão integradas ao programa do neo-andino. O que realmente observamos, sobretudo em sua vertente mais extravagante, são edifícios que combinam iconografias modernas/ocidentais e geometrias associadas ao desenho industrial (Miranda; Copa, 2025, p. 54). Quanto às cores, percebe-se o uso frequente de tonalidades que remetem à tradição cromática andina — privilegiando cores associadas ao sol, à terra e ao fogo sagrado —; no entanto, também aparecem verdes, azuis e, em alguns casos, até paletas neutras (Miranda; Copa, 2025, p. 55).

Em suma, o neo-andino não rompe com o passado, mas o reinscreve. Nas fachadas, nos materiais importados, nas iconografias, no programa, na lógica de renda e na afirmação cultural, tudo operando simultaneamente. É nessa materialidade que a condição *ch'ixi* se manifesta (Rivera Cusicanqui, 2018, p. 68). Apoiada também por outros importantes intelectuais, como o boliviano Fausto Reinaga e o já citado José Carlos Mariátegui, Silvia não adota uma visão trágica do encontro entre as duas culturas. Apesar das reiteradas tentativas de dominação cultural por parte dos europeus, a autora identifica que a coexistência do par contraditório — indígenas e europeus — é capaz de fazer surgir um novo potencial emancipatório, apto a produzir lucidez política (Bruce, 2023; Rivera Cusicanqui in Cruz, 2013, p. 27). A arquitetura neo-andina não deve ser compreendida apenas como expressão estética ou folclórica. Ela constitui um campo de disputa simbólica, onde identidade e poder se materializam na forma construída. Nesse percurso, revelam-se as tensões do mundo *ch'ixi*, expondo tanto seus potenciais emancipatórios quanto suas contradições internas.

9

4. QAMIRIS E A ESTÉTICA DA ASCENSÃO

Com isso, os *qamiris* tornam-se os principais agentes de transformação urbana de El Alto, tensionando a própria condição *ch'ixi* do neo-andino: de um lado, a arquitetura afirma identidade; de outro, converte-a em capital simbólico e rentabilidade econômica. A arquitetura torna-se peça fundamental na materialização desse orgulho, convertendo-se em edifícios midiáticos que, em sua grande maioria, trazem características que darão triunfo ao ornamento. Isso se manifesta principalmente na fachada, que não se constitui apenas como elemento estético, mas também simbólico, voltado à geração de capital das lojas comerciais e dos salões de festas (Alejo Mamani, 2021, p. 56).

Esse núcleo simbólico sobrepassa o desenho totalizante, apelando às sensações e, por vezes, ao espetáculo. A subjetividade do *qamiri* manifesta-se na forma como o edifício responde às necessidades dos proprietários, principalmente na maximização da rentabilidade econômica (Alejo Mamani, 2021, p. 5). Posto isto, as características programáticas, morfológicas e espaciais do tipo “utilitário popular” são a base sobre a qual o ornamento é aplicado, sempre com o objetivo de gerar dinheiro.

A base da arquitetura neo-andina alinha-se à lógica presente nas construções de Freddy Mamani. O arquiteto ressalta que, na cultura *aymara*, “tudo gera vida”, o que implica conceber edifícios capazes de produzir benefícios econômicos para os seus

proprietários. Cada pavimento é planejado com base nessa premissa: o térreo abriga as "tiendas", pequenos comércios típicos, ou, em muitos casos, os edifícios também podem abrigar galerias comerciais. Nos pavimentos superiores, encontram-se os salões de festas, marcados por uma estética psicodélica, com elementos decorativos frequentemente importados de países como a China².

Por sua vez, o terraço é ocupado pelo chalé, que pode servir como residência para a família proprietária ou ser alugado para terceiros. Essa construção alpina, de telhado inclinado de duas águas, remete às trocas culturais do período colonial e, na leitura do arquiteto Guilherme Wisnik (2018), seria semelhante ao fenômeno do chapéu borsalino italiano utilizado pelas *cholas* bolivianas. É importante ressaltar que todos esses elementos não são regras que definem a arquitetura neo-andina; são apenas aspectos morfológicos de alguns edifícios que tiveram uma atenção especial dos meios midiáticos de comunicação, principalmente depois de 2014 (Alejo Mamani, 2021, p. 68).

Figura 2: Fachadas dos edifícios



Edifícios neo-andinos projetados por Freddy Mamani na cidade de El Alto
Fonte: Nio, 2025.

Outros arquitetos que buscam realizar uma leitura da arquitetura neo-andina Andreoli e D'Andrea (2014), citam que a arquitetura neo-andina é fortemente inspirada na cultura *tiwanacota*,³ assume um papel identitário ao celebrar a cultura pré-hispânica por meio dos ornamentos presentes nos edifícios.

Elementos como a cruz andina, os padrões em "zig-zag" e as cores vibrantes dos têxteis, representadas nas "polleras", nos "aguayos" e nos "ponchos", não buscam recuperar manifestações artísticas e culturais perdidas, pois essas tradições sempre estiveram presentes na memória coletiva da sociedade indígena boliviana, embora

² Freddy Mamani afirma que a ornamentação utiliza materiais importados, sobretudo da China, algo que antes do governo Evo Morales era inviável para a população indígena. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_KjPQPQTgZo. Acesso em: 01 fev. 2026.

³ Trata-se de um povo pré-hispânico da América do Sul, *Tiwanaku* ou Tiahuanaco, do qual os *aymaras* se autodeclaram descendentes.

frequentemente marginalizadas. Entretanto, como verificado pelo arquiteto Wisnik, o estabelecimento do edifício não implica, necessariamente, em um papel social efetivo deste, uma vez que sua acessibilidade é restrita a uma pequena parcela da população que alcançou prosperidade econômica em El Alto⁴.

Andreoli e D'Andrea (2014) citam os arquitetos americanos Robert Venturi e Denise Scott Brown como defensores da ideia de que os profissionais da área deveriam "observar e aprender" com a arquitetura exuberante, fachadista e colorida, originada do cenário comercial e popular de Las Vegas. Além disso, os autores americanos enfatizaram a valorização do "poder simbólico" da arquitetura (Venturi et al, [1972] 1988, p. 13), ressaltando a importância da iconografia, que transcende as dimensões tradicionais de luz, volume e espaço. Essa abordagem crítica, apresentada no livro *Learning from Las Vegas*, inaugura o paradigma pós-modernista na arquitetura (Wisnik, 2018).

Nesse sentido, algumas construções destacam com maior ênfase elementos mais contemporâneos que outros, e seguramente o famoso "Crucero Andino" pode muito bem ser comparado ao "pato de Las Vegas", o barco torna-se escultura simbólica, assim como os edifícios "Transformers" encontrados pela cidade de El Alto (Venturi et al, [1972] 1988, p. 13).

Outro aspecto a ser analisado é a paisagem de El Alto. É possível observar a influência do altiplano andino na cidade, caracterizado por um clima árido, com escassez de árvores e predominância de vegetação arbustiva. É nessa perspectiva que a região apresenta semelhanças com os desertos norte-americanos, em especial com o deserto de Nevada. Essa relação estabelece um vínculo simbólico entre a arquitetura neo-andina e Las Vegas, possibilitando uma análise comparativa consistente, em que os edifícios neo-andinos aparecem como pontos coloridos, em contraste com a grande massa de construções em alvenaria exposta, sem nenhum tipo de revestimento, e em muitos casos autoconstruídos.

11

⁴ Segundo Wisnik, trata-se de uma arquitetura inserida no mercado e alinhada às dinâmicas da globalização. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_KjPQPQTgZo&t=2079s. Acesso em: 01 fev. 2026.

Figura 3: A paisagem de El Alto



A paisagem de El Alto com forte presença de edifícios com alvenaria exposta e presença do comércio informal.
Fonte: Nio, 2025.

Na cidade norte-americana, durante a transição entre as décadas de 1960 e 1970, Scott Brown, Venturi e Izenour introduziram os conceitos de "galpão decorado" e do "pato", no âmbito dos estudos apresentados em *Learning from Las Vegas* (1972). Esses termos designam tipologias arquitetônicas cuja comunicação simbólica supera a própria estrutura construtiva (Wisnik, 2017).

Analogamente, as edificações neo-andinas reinterpretam essa lógica ao aplicar ornamentação exuberante sobre estruturas ordinárias. Cores vibrantes, formas geométricas complexas e ornamentos de forte apelo simbólico transformam o "utilitário popular" em dispositivos de comunicação e poder. Como afirmam os autores:

Explicamos como, para nós, a arquitetura vernacular comercial foi uma fonte inicial vívida de simbolismo na arquitetura. Descrevemos no estudo de Las Vegas a vitória dos símbolos no espaço sobre as formas no espaço na paisagem brutal dos automóveis, de grandes distâncias e alta velocidade, onde as sutilezas do espaço arquitetônico puro não podem mais ser apreciadas (Venturi et al, [1972] 1988, p. 119).

Diferentemente de Las Vegas, onde o símbolo serve ao capital corporativo, em El Alto ele emerge de sujeitos historicamente subalternizados. Simultaneamente, essa ornamentação afirma a identidade cultural andina e as aspirações sociais de uma população historicamente marginalizada. Além disso, Wisnik (2018), que se encontrou com Freddy Mamani, entende sua arquitetura como uma interface do pós-modernismo e afirma, justamente, que o arquiteto tem uma admiração pela arquitetura e decoração dos cassinos de Las Vegas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento deste importante processo urbano e estético como promotor de um grande conjunto de obras de arquitetura tem permanecido ignorado pela historiografia – por isso, torna-se fundamental a análise crítica das obras, principalmente em relação

à cidade e ao sujeito indígena. Em função disso, por essas obras se estabelecerem como uma forma de subversão, elas sempre enfrentam a crítica da academia⁵.

As produções neo-andinas traduzem, a partir de um cânone europeu, a estética *aymara*, não produzindo apenas uma “imitação”, mas uma recontextualização a partir do vocabulário ocidental arquitetônico (Thorne, 2019, p. 83). Segundo Bhabha (1985 apud Thorne, 2019, p. 84), o sujeito “subalterno” utiliza a linguagem do colonizador para enfraquecer a própria estrutura hegemônica imposta na sociedade pós-colonial.

A arquitetura neo-andina conseguiu consolidar um ponto de visão do mundo *ch'ixi* ao não transformar certas linhas culturais como puritanas, mas entender que é a partir da justaposição que se formarão as novas identidades criadas. Segundo Wisnik (2018), o neo-andino pode ser considerado como essa relação conflituosa que Silvia nos traz, pois ao mesmo tempo que traz referências do artesanato popular, dá uma forma luxuosa àquilo que lhe é ancestral, muitas referências também são externas, e mesmo os materiais construtivos são importados de outros países, sendo um “desinibido pseudo-vernáculo pós-industrial latino-americano surgido em tempos de globalização”.

À luz da reflexão de Silvia Rivera Cusicanqui (2018, p. 142), é necessário reconhecer que o processo de afirmação identitária não está isento de tensões. Ao advertir que as chamadas “tradições indígenas” podem converter-se em ornamentos estatais e folclóricos, bloqueando seu potencial descolonizador, a autora alerta para o risco da expropriação da mais-valia simbólica do sujeito indígena. Nesse sentido, a arquitetura neo-andina situa-se numa zona de ambiguidade: pode ser lida tanto como gesto de afirmação quanto como incorporação à lógica do consumo e da visibilidade midiática. É nessa tensão que se manifesta sua condição *ch'ixi*. Ao não se reduzir nem à pureza identitária nem ao simples espetáculo mercantil, revela a complexidade de um processo no qual identidade, capital e modernidade se entrelaçam. Se hoje essa tensão complexa opera no interior da modernidade periférica, ela também indica que a condição *ch'ixi* não se encerra na ambiguidade, mas aponta para um conflito histórico ainda em curso, cujo desdobramento aponta para a transformação estrutural.

13

6. AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa (25/12324-2). Expresso, ainda, minha gratidão ao professor Guilherme Teixeira Wisnik pelo incentivo à leitura e à escrita crítica deste artigo, bem

⁵ No documentário Cholet, o arquiteto boliviano Gastón Gallardon criticou negativamente a falta de formação acadêmica em arquitetura do principal expoente da arquitetura neo-andina, Freddy Mamani, afirmando que este “no hace arquitectura”. Por sua vez, o também arquiteto boliviano Juan Carlos Calderón declarou que Mamani se limita a realizar apenas “fachadismos”. Veja mais: https://www.youtube.com/watch?v=_KjPQPQTgZo&t=2166s

como ao fotógrafo Tatewaki Nio, companheiro de incursões pela cidade de São Paulo e responsável pelo registro das edificações neo-andinas em El Alto.

REFERÊNCIAS

ALEJO MAMANI, Guido Jesús. El Alto: la reconfiguración de los imaginarios a través de la estética. **Revista Ciencia y Cultura**, v. 25, n. 47, p. 47–79, 2021.

ANDREOLI, E.; D'ANDREA, L. **Arquitectura andina de Bolivia: la obra de Freddy Mamani Silvestre**. El Alto: Gobierno Autónomo Municipal, 2014.

BRUCE, Mariana. Relatos de um mundo ch'ixi: El Alto/Bolívia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 204–234, 2023. DOI: 10.22456/1982-6524.129820.

DÍAZ, M. Paula. Hábitat popular y mercado laboral: el desarrollo urbano desigual de la ciudad de El Alto (Bolivia). **Revista INVI**, Santiago, v. 30, n. 85, p. 111–146, nov. 2015.

ESCÁRZAGA, Fabíola. Comunidad indígena y revolución en Bolivia: el pensamiento indianista de Fausto Reinaga y Felipe Quispe. **Revista Política y Cultura**, D.F., n. 37, p. 185–210, 2012.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HILARI, Samuel. **Otros futuros: análisis y especulaciones sobre la construcción de ciudad en El Alto – Bolivia**. 2022. 101 f. Tese (Arquitecto y Magíster en Arquitectura) – Escuela de Arquitectura, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, 2022. DOI: <https://doi.org/10.7764/tesisUC/ARQ/65068>

MAMANI, Freddy. **Tenemos el derecho de vivir en la modernidad, pero sin olvidar nuestras raíces**. Entrevista concedida a Guillermo Tupper. 4 jul. 2017.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Ideología y política**. 1. ed. Caracas: Ministerio de Comunicación e Información, 2006.

MIRANDA, Abigail Roque; COPA, Alex Ojeda. La hibridez andina-moderna de la arquitectura alteña desde el análisis de colores y símbolos de sus fachadas. **Bolivian Studies Journal**, v. 31, p. 48–70, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5195/bsj.2025.375>

PEREIRA MORATÓ, René. Uso del espacio público en la ciudad de La Paz. **Temas Sociales**, La Paz, p. 132–147, 2008.

RISACHER, Caroline. The legitimisation and consolidation of qamiris: the Aymara business elite in modern Bolivia. **Bolivian Express**, La Paz, n. 101, p. 18–27, jan. 2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Prólogo. In: CRUZ, Gustavo R. **Los senderos de Fausto Reinaga: filosofía de un pensamiento indio**. La Paz: Plural Editores; CIDES-UMSA, 2013. p. 15–27.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Un mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

TABOADA, Varinia; PY, Ana-Luna. 200 ans de constructions en adobe terre crue. Vers une patrimonialisation de l'habitat vernaculaire? **IdeAs**, n. 25, 2025. DOI: <https://doi.org/10.4000/13g1g>

THORNE, M. Cuando el subalterno construye: Freddy Mamani y la emergencia del cholo power boliviano. Lógoi. **Revista de Filosofía**, n. 35, p. 75–86, 2019. DOI: 10.62876/lr.vi35.4114.

VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. **Learning from Las Vegas: The Forgotten Symbolism of Architectural Form**. Cambridge, Mass.: MIT Press, [1972] 1988.

WISNIK, Guilherme. **Bolívia, 2016**. Porto: Circo de Ideias, 2018.